

Na tessitura da linguagem, uma miscelânea de novas possibilidades

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.

(João Cabral de Melo Neto)

Como quem conjura um ano pleno em transformações, anunciamos a primeira edição de 2024 da nossa *Palimpsesto* – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ: a Miscelânea, volume 23, número 44. Esta é uma publicação significativa para o corpo editorial por diversos motivos. O primeiro deles concerne à apresentação do nosso novo site. Fruto do trabalho incansável da equipe do Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ, houve um grande empenho no sentido de melhorar a navegabilidade do site da revista, tanto para os autores como para nossa extensa equipe de editores e revisores, por meio da implementação e atualização de nosso sistema operacional.

Também, a nossa incansável equipe editorial cuidou de revitalizar a identidade visual da *Palimpsesto*, objetivando uma estética mais atraente. Estamos, neste momento, no processo de tradução da nossa página para os três idiomas (além do português) nos quais são permitidos a submissão de texto: inglês, espanhol e francês. Há, ainda, um grande esforço de adequação da *Palimpsesto* a alguns dos maiores e mais conhecidos indexadores; e esse é o motivo, inclusive, para a partir de agora, as nossas publicações serem feitas no início dos quadriênios. Além disso, já efetuamos as alterações necessárias com relação às novas normas da ABNT, portanto estamos com as diretrizes para os autores totalmente atualizadas.

Uma outra novidade diz respeito à entrada de convidados externos – estudantes de pós-graduação de universidades parceiras –, que serão escolhidos para a organização de dossiês especiais de acordo com os temas selecionados. Tal iniciativa contribui para a credibilidade de nossa atividade editorial, evitando processos de cunho endógeno. Por último, neste mês de janeiro, Carla Oliveira, doutoranda com especialidade em Literatura Brasileira, juntou-se à editoria geral da revista, colaborando com o

fechamento da edição que apresentamos aqui. Carla chega com muita disposição para dar continuidade à empreitada iniciada por Marcela, que tem como intuito tornar o nosso periódico cada vez mais reconhecido e relevante. Agradecemos sinceramente a participação de Lethicia Gonçalves no primeiro ano desta gestão, reconhecendo e valorizando sua significativa contribuição em todas as atividades desempenhadas na revista.

Com relação aos textos que compõem este número, também temos muito o que celebrar, pois abrimos a edição com duas entrevistas que nos enchem de orgulho. A primeira, intitulada “Caminhos possíveis para repensar o Ensino de Língua Portuguesa”, é uma conversa com Leonor Werneck, professora de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ e pesquisadora que contribuiu de inúmeras maneiras para os estudos linguísticos no Brasil. Nessas páginas, os leitores conhecerão um pouco da trajetória de Werneck, desde o início do seu magistério na Educação Básica, até a chegada à pós-graduação, momento em que seus interesses, pelo ensino da Língua Portuguesa e pela Literatura, entrecruzaram-se. É notável, no depoimento da professora, a diligência de seu trabalho com as Literaturas Infantil e Juvenil, que remonta sua vivência nas escolas públicas em que lecionou, interesse desenvolvido, posteriormente, dentro da universidade, em sua pesquisa no mestrado e na docência. Dessa forma, Werneck nos conta da relevância de se construir experiências de leitura junto aos estudantes:

Por isso, me propus a ser uma professora diferente, que motivasse a leitura de textos variados, fazendo os alunos perceberem que as aulas de Língua Portuguesa podem ser interessantes e desenvolverem um olhar crítico nesses adolescentes, muitas vezes negligenciados pela escola, pelo Governo e até mesmo pela família. Ter conseguido fazer com que cerca de cem livros infantis e juvenis (nem sempre de qualidade, mas livros, enfim...) circulassem entre minhas turmas, na maioria das vezes sem avaliações formais, foi a melhor experiência que tive na minha vida, sem dúvida! Para alguns desses alunos, o livro que leram nas minhas aulas foi o primeiro com o qual tiveram contato. Essa estratégia de motivação de leitura, de debates sobre os livros – mesmo que os comentários deles fossem algo como “Detestei esse livro!” –, mostrou que é possível formar leitores mesmo quando não há infraestrutura suficiente na escola (Santos, 2024, p. 21).

Em um segundo momento a ser sublinhado, a conversa contempla as últimas pesquisas da professora com alguns documentos oficiais – como o PCN (Parâmetros curriculares nacionais, as OCN (Orientações Curriculares Nacionais) e a BNCC (Base

Nacional Comum Curricular) –, que visam respaldar aplicações práticas e indicações metodológicas no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa. Aos entrevistadores, Leonor Werneck faz alguns comentários acerca dessas proposições, como o fato de haver um hiato entre as diretrizes apresentadas e a formação dos professores, que, infelizmente, não é continuada. Uma das necessidades fundamentais, para a pesquisadora, no que se refere a uma maior eficácia desses documentos norteadores, é uma abordagem mais aprofundada dessas asserções durante o curso de Licenciatura, não apenas nas disciplinas concernentes à Educação, mas, também, na área de Letras, de modo que os parâmetros possam ser pensados de maneira articulada dentro das disciplinas.

As perguntas repercutem, para além desses tópicos, a defesa de um trabalho com a Literatura menos preocupado com a memorização de características relativas aos períodos literários ou com o uso dos textos como simples exemplário de enxertos a serem “corrigidos” em exercícios sobre norma culta. Para Werneck, a lida com os textos literários em sala de aula deve usufruir das múltiplas possibilidades de abordagens: “é perfeitamente possível articular aspectos de oralidade, análise linguística/semiótica, leitura e produção textual a textos artístico-literários – o que, aliás, é sugerido na BNCC” (Santos, 2024, p. 25). É possível frisar a fala da professora a respeito da pertinência de um multiletramento, que viabilize o trabalho com textos multissemióticos, acolhendo todas as manifestações textuais encontradas no contexto digital, muito atraente aos estudantes. Não à toa a entrevista termina com a referência a um texto de Leonor Werneck sobre o uso do humor no ensino, em que temos a oportunidade de aprender com a educadora sobre a imensa propriedade expressiva desse atributo e como pode ser divertido desvelar, com os estudantes, seu processo constitutivo na linguagem.

A segunda entrevista é com o professor Henrique Samyn, cujas diversas atividades, no âmbito acadêmico e literário, têm proposto discussões prementes à crítica contemporânea. Samyn, que integra o corpo docente da UERJ, atuando como professor de Literatura Portuguesa, desenvolve, em distintas frentes, uma pesquisa acerca da representação de subjetividades e corpos racializados e generificados em uma perspectiva interseccional. Na entrevista, conversamos sobre algumas das reflexões suscitadas a partir dos trabalhos desenvolvidos em projetos como “A experiência como fundamento na literatura luso-brasileira de autoria negra” (Prociência/Pibic UERJ) e

LetrasPretas, iniciativa premiada da qual participam estudantes, que se dedica ao estudo e divulgação da produção literária, cultural e intelectual de autoria negra e feminina. Destacamos, nessa conversa, o momento em que o professor nos conta como, através do projeto de extensão LetrasPretas, foi cabível conceber espaços de aquilombamentos, que buscam oferecer apoio aos discentes negros diante do sem-número de adversidades impostas dentro do ambiente acadêmico.

Penso que projetos como o LetrasPretas são necessários porque os espaços acadêmicos ainda são muito hostis para pessoas negras – sobretudo, para mulheres negras. Tanto na graduação quanto na pós-graduação, o racismo, o sexismo e o epistemicídio incidem violentamente sobre alunas negras, a tal ponto que docentes se sentem à vontade para ofendê-las e constrangê-las durante as aulas. Ainda que não tenhamos condições de acolher no âmbito do projeto todas as alunas que nos procuram, nós nos esforçamos para que o LetrasPretas esteja presente em nossa universidade, demonstrando que é possível construir espaços receptivos para alunas negras no mundo acadêmico, apesar de todas as dificuldades (Samyn, 2024, p. 46).

É interessante, ainda, conhecer um pouco dos caminhos trilhados por Samyn, entre pesquisa e produção artística, em que os processos de subjetivação autoral tensionam os entendimentos mais ingênuos no que diz respeito aos limites entre vida e obra. Além disso, Henrique Samyn faz alguns oportunos apontamentos sobre a necessidade de se confrontar o modo como foi edificado o que se convencionou chamar de cânone, observando, também, que tipos de valores subjazem às representações e parâmetros estéticos dessa literatura historiograficamente legitimada. Tal questionamento, segundo o pesquisador, é determinante para o avivamento de obras que foram denegadas ao longo da história, bem como para a constituição de outros cânones.

Assim, em oposição ao que muitas vezes se supõe, não se trata de descartar obras consideradas canônicas como desprezíveis ou irrelevantes; trata-se de lê-las a partir de outras perspectivas, com o propósito de entender o que subjaz à construção do próprio cânone ao qual foram vinculadas, assim como averiguar de que modo o apego a esse cânone legitimou o apagamento de um outro conjunto de obras (inclusive, de um vasto contingente de obras produzidas por mulheres e por pessoas negras). [...] Um outro caminho possível é a construção de outros cânones, a partir de parâmetros diversos. No âmbito da crítica negra, mais especificamente, isso é algo que vem sendo pensado há décadas, de modo que dispomos de diversos trabalhos historiográficos e teóricos, assim como antologias, que possibilitam reflexões

sobre qual seria o nosso “cânone negro”, no que tange a nomes considerados fundadores ou essenciais (Samyn, 2024, p. 47).

Em sintonia com as entrevistas desta edição, cujos cernes preconizam debates incontornáveis na atualidade, a seção de “Estudos de língua” traz contribuições relevantes sobre assuntos que se encontram na ordem do dia. Amostras dessa afirmação são os artigos que se atém a temas como o contradiscurso erigido pelo Supremo Tribunal Federal, tendo em vista a criminalização da homo(trans)fobia; os processos morfológicos da língua portuguesa, em especial no contexto de neologismos e construtos derivados, a partir da investigação da origem do termo “desonline”; o tratamento da questão da variação linguística nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio ao longo dos últimos anos; e o ensino da língua portuguesa na delicada circunstância do refúgio dos venezuelanos no Brasil. Ademais, temos, também, artigos instigantes como o que trata da recepção negativa da capa dos quadrinhos *Castanha do Pará*, por meio da abordagem crítica da metáfora; de um panorama sócio-histórico do português brasileiro, fundamentado nas hipóteses linguísticas da criouliização, da deriva natural e do contato linguístico; de uma análise do texto “Não é hora para aventuras”, com base no sistema de avaliatividade; das dimensões de variação nos padrões de elementos lexicogramaticais da linguagem utilizada por aprendizes de inglês, utilizando o *corpus* multinível de aprendizes brasileiros de inglês; e, por fim, de um exame sobre a codificação gramatical da expectativa, sob a perspectiva da estrutura informacional, considerando modelos cognitivos idealizados da gramática cognitiva de Langacker.

Por sua vez, a seção de “Estudos de literatura”, neste número, promete entusiasmar àqueles que se interessam pelos profícuos diálogos enredados entre texto e audiovisual. Nesse sentido, há belos artigos, como o que trata da obra de Chantal Akerman, que perscruta a ideia de autoficcionalidade e as construções de subjetividades femininas; do videoclipe *The Vengeful One*, da banda *Disturbed*, que discute messianismo e violência; da forma como o gênero *cyberpunk*, em filmes como *Ghost in the Shell* e *Blade Runner 2049*, por exemplo, concebe o rechaço do outro na pós-modernidade; dos referentes ausentes sexistas e especistas contidos no documentário *Carne*, na perspectiva da semiótica da cultura; do processo de produção do roteiro cinematográfico do longa-metragem *Ensaio sobre a cegueira*, que privilegia o ponto de

vista da protagonista feminina; e da figuração da personagem shakespeariana Ofélia em *Melancholia*, de Lars von Trier.

O referido segmento está robusto e conta, ainda, com textos que se debruçam sobre as mais diversas obras literárias, como os estudos acerca de *Terra de Caruaru*, de José Condé, à luz do herói problemático, em especial, do romantismo da desilusão e do idealismo abstrato; do romance epistolar de Maria Velho da Costa e Armando Carvalho, *O livro do meio*, cujo empenho é compreender a imagem da casa como uma dimensão estruturante que questiona as fronteiras da memória; dos poemas “Acordar”, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, e “Retrato de uma cidade”, de Carlos Drummond de Andrade, propondo uma leitura interdisciplinar da experiência dos sujeitos líricos em meio ao espaço citadino; de *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica, que visa apontar como a narrativa distópica propicia discussões em torno de um pensamento anticapitalista e animalista; da ficção *L’emploi du temps*, de Michel Butor, que tem como objetivo averiguar a centralidade do tempo na narrativa; dos contos “A Cartomante”, de Machado de Assis, e “O açougue”, de Lúcio Cardoso, explorando suas aproximações estrutural e temática, sob a perspectiva da teoria da unidade de efeito, de Edgar Allan Poe; da sátira atribuída a Gregório de Matos, em uma comparação crítica entre uma leitura que se atém ao seu contexto histórico, e, em seguida, a partir das considerações sugeridas por Augusto de Campos; do romance *Child of God*, de Cormac McCarthy, e a simbologia tríptica da ruína desdobrada entre a casa, o corpo e a comunidade; do conto “Tempo de Crise” e a escrita de Machado de Assis sobre a paisagem carioca da Rua do Ouvidor do final do século XIX; da linguagem poética de Raduan Nassar, como um elemento disruptivo frente à clausura existencial vivenciada pelos personagens de *Lavoura arcaica*; e dos processos formais e estilísticos de *O amor dos homens avulsos*, de Victor Heringer, tendo como aparato crítico os escritos de Anatol Rosenfeld e Peter Bürger.

Para finalizar, além de um texto que circunda algumas indagações teóricas desencadeadas pelas ditas narrativas do eu, junto a Philippe Lejeune, Serge Doubrovsky e Anna Faedrich, compõem a edição uma resenha sobre *O filho do rio e o sertanejo: Lazarillo de Tormes e seu herdeiro João Grilo*, de Rosângela Schardong e Leonardo Sinckiewicz – que trata do Século de Ouro da Espanha, bem como do conceito de gênero picaresco, confrontando os personagens Lázaro e João Grilo –, e, ainda, a tradução do

Manifesto della Donna Futurista, da artista e escritora francesa Valentine de Saint-Point, originalmente publicado em 1912, que é uma das expressões mais admiráveis das aspirações feministas e futuristas do início do século XX.

Esperamos que gostem das novidades na revista. Saibam que estamos trabalhando para melhorar cada vez mais, em todos os âmbitos. Desejamos, ainda, que os textos aqui presentes possam contribuir para futuras pesquisas; que sejam excelentes leituras. Até a próxima!

Cordialmente,
Carla Oliveira e Marcela Azevedo

REFERÊNCIAS

MELO Neto, João Cabral. A educação pela pedra. *In: Poesias Completas*. Rio de Janeiro, Ed. Sabiá, 1968. p. 7-47.

SAMYN, Henrique Marques. Entrelaçando Identidades: raça e gênero nas escritas de Henrique Marques Samyn. *Palimpsesto - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ*, 23(44), 44–66.

SANTOS, Leonor Werneck dos *et al.* Caminhos possíveis para repensar o Ensino de Língua Portuguesa: uma entrevista com Leonor Werneck. *Palimpsesto - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ*, 23(44), 18–43.

Carla dos Santos e Silva Oliveira: Doutoranda em Literatura Brasileira, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES), onde desenvolve sua pesquisa em torno das poéticas da contemporaneidade sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira, Mestre em Literatura Brasileira (UERJ), cujos estudos se debruçam sobre as parcerias éticas e estéticas entre a poesia e a canção popular contemporânea. Tem uma extensa trajetória na área de Letras, como redatora, revisora e atualmente atua como professora de Literatura nos projetos sociais PREPARANEM e

Pré-vestibular Social do Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Públicas do Rio de Janeiro. Integrou o corpo curatorial da revista *garupa*, entre 2019 e 2022. Desde janeiro de 2024, é editora geral da revista *Palimpsesto*, do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. E-mail: oliv_carla@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4270-9686>.

Marcela Ansaloni de Azevedo: Doutoranda em Literatura Portuguesa, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES), onde pesquisa a produção contística da escritora Maria Judite de Carvalho sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Nazar David. Mestre em Literatura Comparada (UERJ), tendo como objeto de pesquisa Lavoura Arcaica de Raduan Nassar e o silêncio que permeia a obra. Tem experiência também na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica. Editora geral da Revista *Palimpsesto*, do Programa de Pós - Graduação em Letras da UERJ, desde maio de 2023. E- mail: marcelaansaloni@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7913-6960>.